

DECRETO N.º 6090, DE 7 DE JULHO DE 1980.

DENOMINA PASCHOAL CARLOS MAGNO UMA VIA PÚBLICA DO  
MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA :

Artigo 1.º – Fica denominada RUA PASCHOAL CARLOS MAGNO a Rua 64 do Jardim do Lago Continuação, com início na Avenida 2 e término na Avenida F do mesmo loteamento.

Artigo 2.º – Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de julho de 1980.

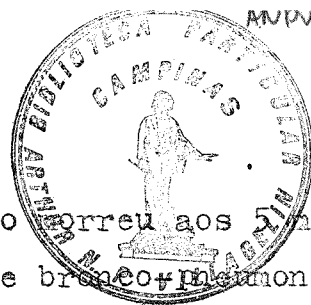
DR. FRANCISCO AMARAL  
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENG.º DARCY STRAGLIOTTO  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 15420, de 29 de maio de 1980, em nome do Prefeito Municipal e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de julho de 1980.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



O embaixador Pascoal Carlos Magno morreu aos 5 minutos de ontem (24-maio-1980) de coma diabética e bronco-pneumonia. Internado desde quarta feira última no CTI do Hospital dos Servidores do Rio de Janeiro, estava com 74 anos e deixou uma irmã, Orlanda Carlos Magno, e um filho de criação, Paulo Roberto Brasil de Araújo.

Membro do Conselho Federal de Cultura, fundador e presidente de honra da Casa do Estudante do Brasil, fundador do Teatro dos Estudantes, do Teatro Duse, da Aldeia Arcoverde, da Caravana da Cultura, Pascoal Carlos Magno foi responsável pelo surgimento de toda uma geração do teatro brasileiro, com os nomes de Paulo Porto, Sergio Cardoso, Maria Fernanda, Sergio Brito.

Para Guilherme Figueiredo, que compareceu ao velório na Casa do Estudante do Brasil, "Pascoal Carlos Magno foi o homem que revolucionou o teatro brasileiro, sacudindo-o da rotina, trouxe o estudante para dentro do teatro e deixou como exemplo um idealismo perene". Consternado, Guilherme Figueiredo repetiu algumas vezes: "Perdi meu irmão mais velho".

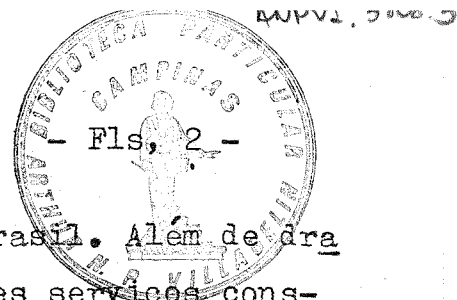
Ao seu lado, o pintor Iberê Camargo que também mencionou a importância cultural de Pascoal Carlos Magno. Moacir Lopes e Adolfo Bloch também estavam no velório, bem como alguns estudantes e representantes do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. Para a maestrina Cacilda Borges Barbosa, "Pascoal Carlos Magno foi a mola do teatro brasileiro, um homem que sempre lutou pela nossa cultura, enfrentando preconceitos e politicagens vergonhosas".

O embaixador foi sepultado ontem no jazigo da família, no Cemitério São João Batista, às 17 horas, com o comparecimento de centenas de personalidades do mundo político, artístico e cultural.

#### SERVIR AOS OUTROS

- Sou um homem de Santa Teresa desde a meninice. Quem leu meu romance "Sol sobre as Palmeiras" - história da minha infância - vai me encontrar, pés descalços, na rua Paula Matos.

Desde então, fez de tudo um pouco: jornalismo, diplomacia, estimulou a música, escreveu romances, poesias. Mas, principalmente,



seu nome ficou ligado à história do teatro do Brasil. Além de dramaturgo, diretor e ator, da folha de seus grandes serviços constam a Fundação do Teatro de Estudante (1938); a criação do Teatro Duse (1952); a organização da Caravana da Cultura (1964); a fundação da Aldeia de Arcozelo (1965); a viagem da Barca da Cultura (1974); e a criação do Teatro Experimental Negro (1974).

- Sou de uma família predestinada, que tem uma vocação suicida. Uma família que em vez de amealhar dinheiro amealha livros, quadros, paixões. Uma família suicida. Todos nós trabalhamos pela cultura. Minha mãe, meu pai, minhas irmãs, eu dediquei minha vida a servir aos outros. E vou morrer servindo.

O autor deste depoimento, ironicamente desencantado - Pascoal Carlos Magno - nasceu no Catete (Rio), em 1906, numa sexta-feira, dia 13 de janeiro, às 13 horas. Sua mãe, muito supersticiosa, temia pelo menino:

- Como eu era magro, doente - sofria de anemia -, desenvolvimento precoce, com febre à hora marcada todos os dias e insônias terríveis - essa dúvida a atormentava muito.

Seus pais - Nicolau Carlo Magno e Filomena Campanela - eram italianos. Nicolau, que aprendeu a ler sozinho, e durante a vida veio a ser um pouco de tudo - lavador de pratos, empregado de armazém, guardador de bicicletas, alfaiate - andou por todo o Brasil. Seu filho, mais tarde, assim evocaria sua memória:

- Esse homem tinha uma biblioteca no crânio. Devorava livros de romance, poesia e teatro, sabia de cor compêndios de Geografia e História. E agora que chego à velhice posso afirmar, sem susto que raras vezes encontrei alguém que conhecesse tanto de literatura e de arte, sem nunca haver frequentado escola superior, ou ter professores que o ajudassem.

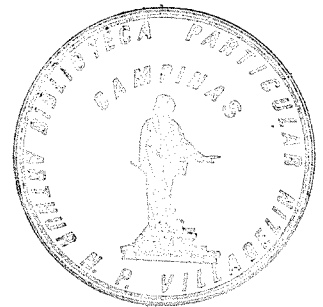
Sobre a mãe, disse Pascoal:

- Ela tinha o gosto da poesia, amava as belas imagens, e seu catolicismo era a mais bela escola de perfeição do coração e do espírito. Se papai lia todos os autores, ela particularmente lia a história dos santos e nos falava, ainda pequeninos, sobre os cânticos de São Francisco de Assis e outros heróis da igreja.

Do Catete, onde nasceu, Pascoal mudou-se com a família (de 12 irmãos, oito sobreviveram) para Santa Teresa:

- Havia ali, uma sala atulhada de livros adquiridos em sebos frequentados por meu pai, que lá nos levava como outros pais levam filhos às partidas de futebol e às corridas de cavalos. Explica-se assim, que tenhamos lido muito cedo o Tolstoi das "Memórias", Scott e Dostoievski, Balzac e Machado de Assis.

(Extraído do noticiário de seu falecimento, veiculado pelo "Diário Popular", de S. Paulo, de 25-maio-1980).



# Pascoal Carlos

## Magno: "Eu não existo mais"



RIO (Sucursal) — Pálpebras caídas sobre um olhar de indiferença. Pascoal Carlos Magno entrou no velho prédio do Teatro Nacional de Comédia, onde passaria três horas falando sobre sua grande desilusão de viver para o teatro, numa gravação que ficará para a posteridade na série que vem sendo feita pelo Serviço Nacional de Teatro.

Das coisas que fez e que foram impressas em folhas distribuídas à imprensa presente, pouco falou. Preferiu queixar-se da falta de recursos que sempre marcou o teatro brasileiro. Infelizmente, como vem acontecendo em todas as gravações do SNT, os entrevistadores conseguiram interromper todos os bons trechos do depoimento com observações inúteis. Pascoal queria falar da sua misteza, da sua luta pelo teatro, da sua desesperança na ajuda do SNT e do seu amor pela juventude, que lhe manda dezenas de cartas diárias pedindo apoio. Mas os entrevistadores queriam datas perdidas no tempo, esquemas cronológicos, dados enciclopédicos. Felizmente, no final, a personalidade de Pascoal conseguiu superar essas imposições de detalhes, e então ele pôde falar:

— "O SNT raras vezes me ajudou. Sempre tive que virar um franciscano e andar mendigando migalhas. Continuo um desesperado. Vejo orquestras sendo fechadas por falta de recursos. Estou fazendo um festival de teatro para janeiro. Virão mais de quinhentos jovens de todo o país. Recebi tão pouco que não sei nem porque não derolvi esse dinheiro. Será que eles pensam que os jovens vão ser alimentados com pão e limanja? Serão dez dias e com três refeições diárias. Acaba de chegar do Rio Grande do Sul. Lá, colocaram dois ônibus para os jovens virem para o festival. Em todos os Estados está havendo interesse. O que eu fiz não interessa. O Pascoal do passado não existe mais. Estou doente, desesperado e não tenho mais nada. É triste chegar a esta idade (ele nasceu em 1906), que é hora de descansar e

mandar tudo às favas. Mas eu tenho vocação suicida. Vocês sabem que há estudantes que podem pagar a viagem. Mas outros não podem. O que é mais amargo é que quando há treinos esportivos aparecem aviões, para o teatro são ônibus. Minha vida não vale nada. Sou grato ao Brasil inteiro, há meu nome por toda parte, mas isso tudo é efêmero".

Afirmou a seguir que sempre preencheu as falhas no orçamento com venda de coisas suas: carro, quadros, objetos, de arte. Olha para uma parede e lembra que ali havia um quadro. Foi vendido. "Para que?", pergunta-se. Para ajudar atores e autores, dos quais se lembra com alegria. "De uma coisa eu tenho pena: dificilmente surgirá uma outra pessoa com a minha capacidade de realização. Este é o país do futebol e dos crimes. Os jornais estão cheios de crimes todos os dias. Os homens da minha raça deviam ser fuzilados antes de nascer. Só acho importante que os jovens me amem. Eu sei da importância de ser jovem".

Durante a II Grande Guerra, Pascoal Carlos Magno desempenhou várias funções diplomáticas na Inglaterra, país que ama, depois do Brasil: "A fase inglesa da minha vida foi marcada pelo deslumbramento com o teatro inglês. Vivíamos os anos de guerra e, sob os bombardeios, assistíamos aos mais belos espetáculos. Em Londres aprendi a respeitar o teatro. Aprendi que o teatro deve ser montado, dirigido e bem encenado. O

Teatro do Estudante nasceu da minha total loucura. Chegando da Europa, vi o teatro brasileiro sem nenhum preparo técnico. Falava-se o português com entonação lusitana. Nós introduzimos o sotaque brasileiro. Depois vieram o Teatro do Negro, o Teatro de Ópera, o Teatro Infantil, o Fênix, onde "Hamlet" brilhou 57 noites e depois viajou pelo Brasil. Era um tempo em que os atores eram recebidos como bandas de música nas cidades".

### O QUE FEZ, O QUE FAZ

Pascoal Carlos Magno nasceu em 13 de janeiro de 1906, no Rio de Janeiro, filho de Nicolau Carlos Magno e Filomena Campanella Carlos Magno. Formou-se em Direito no ano de 1929. Na diplomacia desempenhou as funções de vice-cônsul em Manchester (1933), Lóndres (1934), cônsul de terceira classe (1937), cônsul-adjunto em Liverpool (1940), segundo secretário da Embaixada em Londres (1941), Atenas (1950), onde foi promovido a secretário de Embaixada e depois cônsul. Foi para Milão em 1955 e depois regressou ao Brasil.

Representou o Brasil no congresso internacional de escritores promovido pelo Pen Club Internacional, em Londres, em 1941, assessorou a delegação do Brasil na Fundação da Unesco em 1945, foi assistente do Serviço de Documentação da Conferência Pan-americana (1947), elegeu-se vereador do Distrito Federal em 3 de outubro de 1950 e foi oficial de gabinete da Presidência da República (1957), tendo o título de ci-

dadão benemerito do Estado da Guanabara.

Em 1926, participou como ator da peça de Renato Viana, "Caverna Mágica". Em 1929, fundou a Casa do Estudante do Brasil, da qual ainda é presidente. Em 1930, recebeu o prêmio de Teatro da Academia Brasileira de Letras, com a peça "Pierrot", a cuja estréia compareceu o presidente Getúlio Vargas. "O Amanhã Será Diferente", peça de sua autoria, foi encenada em Londres, no Lindsay Theatre, em 1945, e também na Alemanha. Pascoal começou a escrever para teatro aos 12 anos, sendo sua primeira peça "A Torre de Babel". Fundou o Teatro do Estudante do Brasil em 1933 levando "Romeu e Julieta". Quando voltou ao Brasil, depois do período diplomático inaugurou no Teatro Fênix, Curso de Férias de Teatro, do qual saiu o Teatro Experimental do Negro. Organizou e dirigiu a "Concentração de Teatro do Estudante", em 1947. Criou o Prêmio Nicola

Carlos Magno" para autores novos. Criou o Teatro Experimental de Ópera. Viajou por todos os Estados do Brasil com o TEB, alcançando grande sucesso, sempre com peças clássicas. Em sua casa em Santa Teresa, criou o Teatro Laboratório, o Duse, em 1955. Desse laboratório saíram grandes nomes do nosso teatro. Realizou seis festivais de Teatro de Estudante (Recife, Santos, Brasília, Porto Alegre, Rio e Arcozelo), ajudou Pascoal no Estado do Rio, onde há dois teatros, sendo um ao ar livre, com capacidade para 1.200 pessoas. Neste ano promoveu a "Barca da Cultura", que percorreu as cidades. Por sua iniciativa, em janeiro haverá o Festival Nacional de Teatro do Estudante, em Arcozelo. No Rio Grande do Sul haverá o TRE da Cultura e outra Barca que correrá a Amazônia. Sete bandeirantes de São Paulo fazem o mesmo percurso de bandeirantes e apresentando-se em praças públicas.

FOLHA ILUSTRADA

São Paulo, sexta-feira, 22 de novembro de 1974